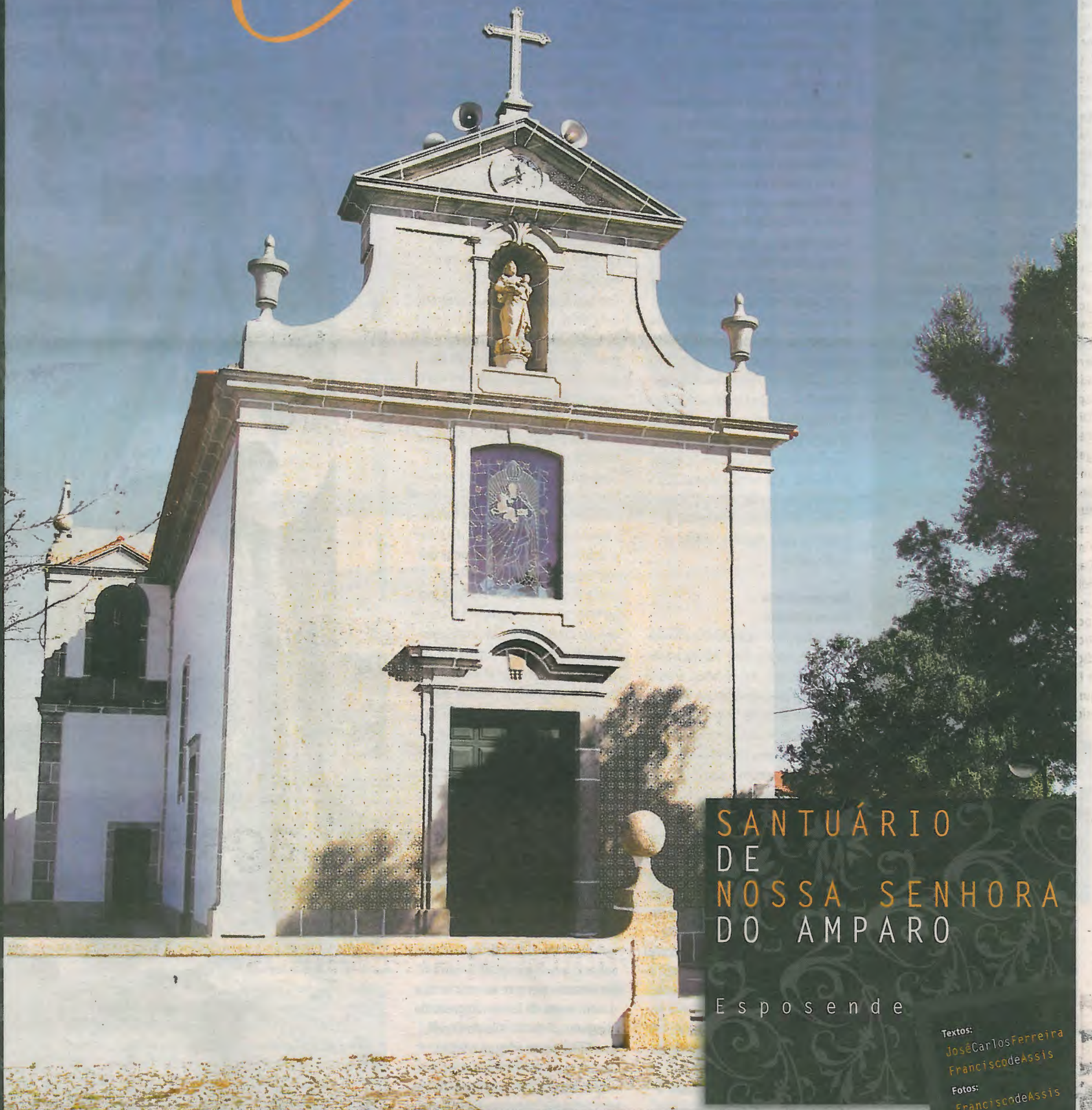


19 DE OUTUBRO DE 2007
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 27928 de 19 de Outubro de 2007, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



SANTUÁRIO
DE
NOSSA SENHORA
DO AMPARO

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Primeira capela foi construída na segunda metade do século XVIII

O actual Santuário da Senhora do Amparo, no lugar de Criad, freguesia de Apúlia, não é, com toda a certeza, o primeiro templo que ali foi construído. A capela primitiva era mais pequena e deverá ter sido erguida na segunda metade do século XVIII.

Isto mesmo se poderá depreender da leitura das "Memórias Paroquiais de 1758", onde o pároco, fazendo a descrição da freguesia, apenas refere a existência da igreja dedicada a São Miguel e da capela de S. Bento, no lugar de Criad. Ora, sabendo-se que a Senhora do Amparo assumiu uma grande importância na vida religiosa da Apúlia, seria um grande lapso se o sacerdote não a mencionasse no inquérito de 1758 caso ela já existisse. Assim, será fácil depreender que, não sendo referida nas Memórias Paroquiais, a capela da Senhora do Amparo ainda não tinha sido construída nesse ano. Segundo Manuel Albino Penteado Neiva, no livro "Apúlia na História e na Tradição", «a Senhora do Amparo é uma invocação muito antiga no povo português». «É uma das principais invocações de Nossa Senhora na Arquidiocese de Braga, havendo 35 altares onde se venera o seu culto e cerca de 19 capelas a Ela dedicadas», acrescenta.

O historiador realça que, no caso da Apúlia, «esta associa-se ao culto da água, andando intimamente ligada à lenda da Fonte da Senhora e ao poder da água na cura dos males. Para o historiador, «esta capela insere-se no chamado movimento Mariano que, segundo Franquelim Neiva Soares [num artigo publicado no "Nascer de Novo", em 1986] fez com que nos séculos XVII e XVIII fossem construídas mais de seiscentas capelas desta devoção em Portugal».

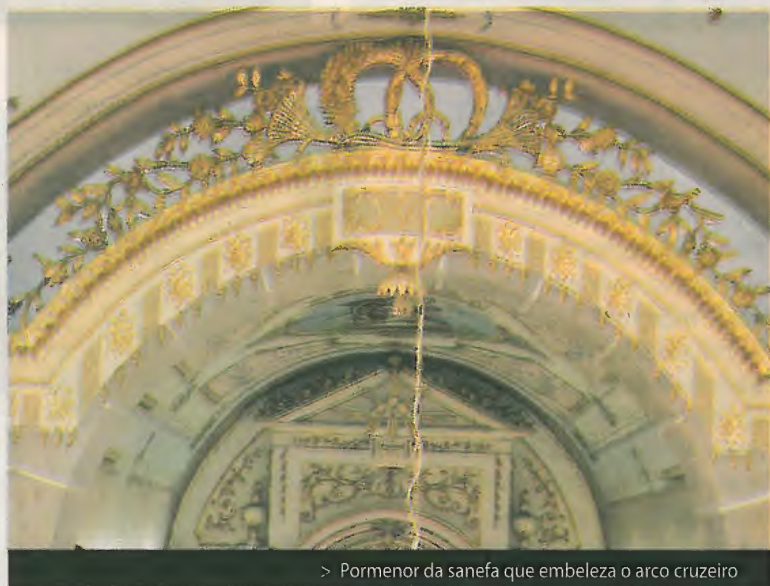
Culto enraizado em 1771

Sobre a fundação da capela de Nossa Senhora do Amparo, a falta de documentação histórica não tem permitido aos historiadores definir uma data precisa de quando é que ela terá sido construída.

Manuel Albino Penteado Neiva é de opinião que em, 1771, o culto a Nossa Senhora do Amparo na freguesia de Apúlia já estava «muito enraizado». Segundo explica, «em 3 de Agosto desse ano morre Francisco, filho de António Martins e Maria Gonçalves, e no seu testamento, entre outras coisas, pede ao seu irmão e cunhado Vitoriano Gonçalves, que lhe mandasse celebrar 30 missas a Nossa Senhora do Amparo».



> Nicho na fachada da igreja onde se encontra a imagem da Senhora do Amparo



> Pormenor da sanefa que embeleza o arco cruzeiro



> Imagem de Nossa Senhora da Fonte

«Em 1772 a sua Capelania é dada por Provisão do Arcebispo de Braga ao padre Manuel José de Azevedo mas, estamos convencidos que a projecção deste pequeno santuário se deve ao seu capelão padre José António de Faria que nela foi provido por Provisão dada em 1778 e ao seu sucessor o capelão padre António Inácio Teixeira de Abreu, que para aí fora nomeado em 22 de Agosto de 1779, embora já aí estivesse (...) por Provisão nessa data», acrescenta o investigador.

Ainda segundo este autor, o historiador Franquelim Neiva Soares refere, por sua vez, «um documento visitacional, de 12 de Agosto de 1784, em que se diz que, em Apúlia, havia uma grande devoção a Nossa Senhora do Amparo».

Assim, pode verificar-se que este foi um culto que ganhou uma fama progressiva, que começou a atrair cada vez mais peregrinos que vinham à procura de um amparo para os seus problemas. E, de uma simples capela partiu-se

para a construção de um edifício maior, certamente, para poder albergar a quantidade cada vez maior de devotos. Mais uma vez, deparamo-nos com a falta de documentação que nos permita dizer quando se iniciaram as obras.

No entanto, sublinha Manuel Albino Penteado Neiva, sabe-se que foi o capelão padre José Correia Neves «que levantou ou fundou o corpo da igreja, desde os alicerces, do mesmo santuário». «Este capelão morreu a 27 de Janeiro de 1827,

tendo 46 padres no seu Ofício e foi sepultado na capela-mor deste mesmo Santuário do Amparo», acrescenta.

Na fachada da igreja podem ver-se duas datas que poderão dar algumas pistas. A primeira é a de 1808 e está situada na base do nicho onde se encontra a imagem da Senhora do Amparo. Este poderá ser o ano da construção da actual igreja. A segunda data é de 1907 e corresponde à colocação dos azulejos na fachada principal.

Uma construção neoclássica com elementos do estilo barroco

A igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Apúlia é uma construção dos finais do século XVIII e início da centúria seguinte. De facto, o estilo geral é claramente neoclássico, mas apresenta muitos elementos da gramática barroca, tanto no interior como no exterior.

O templo primitivo foi construído depois de 1758. Na verdade, ao consultar a publicação "Memórias Paroquiais de 1758", constata-se que não existe qualquer referência à capela ou igreja de Nossa Senhora do Amparo, concluindo, por isso, que se trata de uma edificação posterior. Foi, durante algum tempo, uma obra inacabada, ganhando outra dimensão no início do século XIX, como se pode constatar pela data, 1808, gravada na fachada principal. Provavelmente, numa altura em que as esmolas dos apulientes e dos peregrinos passaram a ser em maior quantidade, como refere Manuel Albino Penteadado Neiva.

Isto é, trata-se de um templo que foi sendo construído a pouco e pouco, com esmolas dos apulientes e das doações dos muitos peregrinos que anualmente se deslocavam ao santuário para cumprimento de promessas, mas também por causa da prática do exorcismo.

No início do século XIX a igreja já aparece quase com o formato actual, com uma arquitectura de estilo neoclássico, mas com resquícios do barroco. «É uma obra neoclássica, com revivalismos, nomeadamente no frontão, mas também com algumas ideias ligadas ao barroco. Certamente que beberam em algumas igrejas da fase barroca e adaptaram-nas a esta igreja», admite Manuel Albino Penteadado Neiva.

No início do século XIX, o santuário terá tido uma intervenção de fundo. Porém, não se sabe como seria a fachada principal, pelo menos na sua totalidade. Isto porque, no início do século XX, ou seja, em pleno "consulado" do padre Jerónimo Gonçalves Chaves, apareceram outros grandes benfeitores que quiseram "embelezar" a igreja.

Entre os beneméritos está Luís Joaquim de Carvalho Contriz, cujo nome está gravado numa placa, com a data de 1907. A colocação de azulejos nas fachadas das igrejas era uma "moda" da época e Apúlia também não ficou de fora.

Interior vistoso e agradável

O interior do Santuário de Nossa Senhora do Amparo é, à semelhança do exterior, de arquitectura neoclássica e revivalista. «Tem tribuna revivalista, com colunas com fustes



> O interior da igreja apresenta alguns elementos revivalistas



> O altar-mor é de estilo neoclássico, do século XIX

e capitéis nitidamente neoclássicos, bem como toda a simbologia a nível da talha, que apresenta ainda alguns resquícios do barroco, principalmente no aspecto teatral típico do barroco», explicou Penteadado Neiva.

Este investigador lembra que o barroco pretendia exactamente a teatralização dos monumentos. «Uma representação do sagrado mas com a imagem de uma boca de cena como na "Scala di Milano"», e no fundo era isso que se pretendia. Aliás, uma característica de toda a talha barroca, onde aparecem os panejamentos.

Depois, conforme a riqueza das freguesias, os monumentos, religiosos ou civis, poderiam ser mais ou menos "barroquizantes", isto é, com mais ou menos opulência. O historiador recorda que Apúlia não era uma terra rica, porque as suas gentes eram essencialmente lavradores e pescadores. «Só no final do século XIX é que alguns naturais de Apúlia, radicados no Brasil, puderam ajudar a sua igreja, nomeadamente no douramento».

Penteadado Neiva destaca a beleza do interior da igreja, onde em quase todos os altares está uma imagem da Virgem, nas mais variadas invocações. Realce para o altar lateral onde está a imagem rica e "milagrosa". Tem uma grande jovialidade e panejamentos tradicionais, típicos dos finais do século XVIII. Contudo, esta não é a imagem primitiva da Senhora da Rabeca. Mas sim a cópia mandada fazer pelo então arcebispo no início do culto a Senhora do Amparo. É uma igreja com um grande culto mariano. Numa das novas capelas laterais está a imagem de Nossa Senhora da Fonte, que será uma réplica da que esteve na capelinha primitiva.

Nos últimos anos não tem havido grandes obras. Apenas conservação, guarda-vento, vitral e o rodapé em granito. As obras de vulto foram feitas na década de 80 do século XX, com o padre Manuel Alberto. Fizeram-se, entre outras coisas, o transepto, acrescentando duas capelas laterais, porque a igreja era pequena para a população.



> É um templo claramente mariano, com várias invocações da Virgem

CHAVES COUPON, "ENXOTA DIABOS" HOMEM DE CONVICÇÕES

Pe. Jerónimo Gonçalves ajudou a dar visibilidade ao santuário

A história do Santuário da Senhora do Amparo, no início do século XX, está ligada a um homem que ajudou a dar visibilidade ao templo, à devoção e à localidade, para o bem ou para o mal. Trata-se do padre Jerónimo Gonçalves Chaves, "padre Liberato", que adoptou o pseudónimo de "Chaves Coupon" e que o povo deu a alcunha de "enxota diabos" por ser exorcista. Era um fangeiro [natural de Fão] dos «sete costados», como lhe chama Penteadado Neiva. Segundo o historiador, Jerónimo Gonçalves Chaves nasceu por volta de 1857 e no dia 17 de Fevereiro de 1879, «recebe a sua "Inquirição de Genere", ordenando-se sacerdote».

Porém, além de sacerdote, capelão do santuário, dedicou-se a muitas outras actividades, com destaque para a prática do exorcismo e para as lutas para o desenvolvimento da sua terra natal, nomeadamente na construção de um porto de mar, aproveitando as estruturas naturais que são os recifes dos Cavalos de Fão.

Duas "guerras" que lhe valeram muitos dissabores, mas que tentou levar avante até ao último esforço. Até porque sempre esteve convencido de que estava a fazer a coisa certa.

«Eu não leio exorcismos, simplesmente constato que as pessoas vêm cá com problemas mentais e psicológicos e existenciais. Eu utilizo estes subterfúgios para tentar dar cura e para atentar os aliviar do seu sofrimento e dos seus males. Mas é mais um psicólogo a falar do que propriamente um exorcista», dizia o padre Gonçalves Chaves, citado por Albino Penteadado Neiva. Aliás, esta opinião é partilhada por Antero de Figueiredo, que o visitou em Apúlia, acompanhado pelo Conde de Vilas Boas. Segundo Penteadado Neiva, o próprio padre Chaves assumia-se como «curandeiro de alma», mais do que propriamente exorcista, «mas para atingir os efeitos desejados e responder aos problemas de quem o procurava, simulava, muitas vezes, a prática exorcista».

No alvorecer do século XX, a sua fama estava espalhada um pouco por todo o país, mais como exorcista do que propriamente como capelão do Santuário de Nossa Senhora do Amparo. Era Arcebispo de Braga D. Manuel Vieira de Matos, o fundador do CNE – o Escutismo Católico em Portugal. O prelado advertiu o sacerdote a não utilizar a igreja para exorcismos, até porque as pessoas passaram a classificá-lo como "o enxota diabos".



> Pintura da Senhora do Amparo, no tecto do corpo da igreja



> Imagem de Santa Luzia na igreja de Nossa Senhora do Amparo

Uma violenta guerra panfletária

«A igreja não aceitava nem a classificação nem a prática», lembrou o investigador Albino Penteadado Neiva. Embora fosse e seja uma prática aceite pela Igreja, essa missão era confiada a determinados sacerdotes, e o padre Gonçalves Chaves estava proibido de exercer o exorcismo. Disse que deixou de exercer os actos, mas a verdade é que continuou a receber gente um pouco de todo o país e também de Espanha. Ou seja, na prática, o padre Liberato não acatou as recomendações do arcebispo e este fez sair uma portaria canónica que lhe tirou a capacidade de ler exorcismos. Em 1918, face à desobediência constante, D. Manuel Vieira de Matos retirou-lhe as ordens. A partir daí vai dar início a uma violenta guerra panfletária entre o capelão e o Arcebispo de Braga, com cartas extremamente violentas.

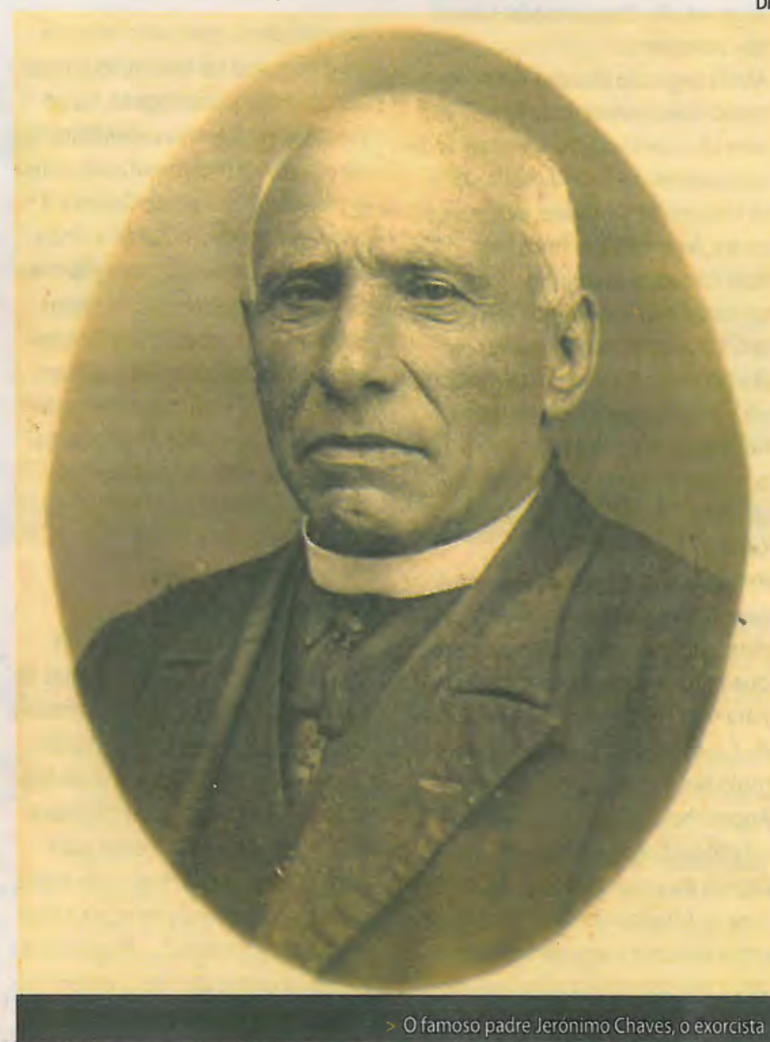
O padre Chaves considerou que a «perseguição» movida era pelo facto de ser republicano convicto e que não tinha aderido à onda da monarquia do Norte, em que a igre-

ja esteve envolvida. Recorde-se que, nessa altura, muitos padres foram presos e outros deportados para Espanha. Ou seja, «na origem da retirada das ordens estariam razões políticas e não eclesásticas», entendia o capelão.

Como atrás foi aventado, outra das suas lutas tinha que ver com a construção do porto de mar nos Cavalos de Fão, aproveitando as condições naturais para se fazer o porto. Não aceitou que a proposta fosse «levada para os leixões» [pedregalhos destacados da rocha] de Matosinhos».

Escreveu protestos, panegíricos e dezenas de trabalhos que foram enviados para o parlamento, para o Governo e outras entidades. Aliás, na Biblioteca de Esposende, estão referências como "O meu testamento em benefício dos cavalos de Fão"; "O nosso protesto contra o porto comercial de leixões", entre outros documentos.

Suspenso do exercício das ordens e da prática do exorcismo, acabou por morrer triste e foi sepultado na Póvoa de Varzim «quando a sua vontade era ser enterrado em Fão» considera Penteadado Neiva.



> O famoso padre Jerónimo Chaves, o exorcista

Antero de Figueiredo escreveu livro "Senhora do Amparo"

O escritor Antero de Figueiredo foi um dos muitos milhares de peregrinos que visitaram o Santuário de Nossa Senhora do Amparo, tendo mesmo editado, em 1920, um livro intitulado "Senhora do Amparo: Dois perfis: Um curandeiro de Obsessos - Um Cura de Almas". Nesta sua obra escreveu «em cima a Apúlia velha, e adiante o Amparo, lugar afastado do caminho, cousa de pouca monta e mortiça - uma capela e meia dúzia de casas pardas com telhados musgosos - onde logo começam os pinhais cerrados (...) e passa uma estrada sombria, sozinha, de curvas tristes, por ali acima, até às Necessidades».

Diga-se que este escritor deslocou-se ao Santuário da Senhora do Amparo, não tanto pela devoção ou pela fé, mas sobretudo para conhecer pessoalmente o padre Jerónimo Gonçalves Chaves, cuja fama de curandeiro chegou muito longe. Segundo o historiador Manuel Albino Penteadó Neiva, «Antero de Figueiredo, se calhar através do Conde de Vilas Boas, quis vir ao Norte conhecer o padre Jerónimo. O seu livro descreve essa viagem e descreve muito bem a localização do Santuário do Amparo». «O Antero de Figueiredo simulou que vinha pedir apoio para uma sua sobrinha, que tinha um problema ligado com o diabo, e queria receber alguns conselhos do sacerdote, que, no seu livro decidiu chamar padre Liberato», acrescenta.

Ainda segundo Manuel Albino Penteadó Neiva, «Antero de Figueiredo vem cá e, de facto, ele constata todo o movimento e toda a prática que se vivia neste santuário, achando o padre Jerónimo um homem curioso, com capacidade e como um grande psicólogo que conseguia ter um entendimento do problema das almas, das pessoas. E, portanto, ele reflecte no seu livro, não propriamente o homem que enxotava os diabos. Ele questiona se seria ele um curador de almas ou um curador de obsessos, de obsessões».

Refira-se que Antero de Figueiredo, nascido em 1866, perto de Viseu, matriculou-se em Medicina, curso que não concluiu, tendo passado para o de Letras, na Universidade de Coimbra. Aí conviveu com António Nobre, Alberto de Oliveira, Agostinho de Campos, João Penha e António Fogaça, entre outros. Depois de viajar pela Europa, segue para os Estados Unidos da América, onde exerce o cargo de secretário particular do ministro do Brasil em Washington.

«Dotado de sensibilidade plástica



> Capa do romance "Senhora do Amparo", de Antero de Figueiredo

apuradíssima, que tanto se havia de comprazer no descritivo da paisagem e das personagens, ou ao reconstituir grandes cenas históricas de dramática movimentação, como o enterro de D. Inês de Castro e a batalha de Alcácer Quibir, e ainda através do colorido emocional das grandes manifestações religiosas, como Fátima, soube traduzir, também, a viva ansiedade das almas como a sua, na procura e reencontro da fé cristã pelos caminhos da arte», lê-se na Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura.

Romaria do Amparo muito concorrida

Tal como o escritor Antero de Figueiredo, muitas pessoas, vindas de todo o país, participaram na romaria do Amparo e visitaram o santuário. Manuel Albino Penteadó Neiva conta no seu livro "Apúlia na História e na Tradição" que, «por estas paragens começaram a demandar todos aqueles que, através de rezas e exorcismos, pretendiam "... afugentar do corpo de certos crentes o diabo que constantemente os importunava", sobretudo no primeiro domingo de

Setembro.

O historiador salienta que, curiosamente, «é na primeira metade do século XIX que a Romaria do Amparo se torna muito conhecida e a ela acorrem gentes de variadíssimas terras», inclusive vindas da Galiza. E, sobre esta romagem, Manuel Albino Penteadó Neiva salienta ter encontrado dados muito interessantes nos livros de óbitos de Apúlia, onde se referem situações de peregrinos que faleceram exactamente quando se encontravam na Romaria do Amparo.

É o caso de António José Braga, que era de Amarante, e morreu no dia 7 de Setembro de 1807, «duma desgraça no lugar de Criás, vindo de romaria com sua mulher», tendo sido «sepultado na igreja paroquial de Apúlia, embrulhado num hábito roxo».

Outra situação relatada pelo historiador é a de Joaquim Fernandes dos Santos, natural de S. João do Souto, em Braga, de 36 anos, que, «vindo de Romaria a Nossa Senhora do Amparo, faleceu a 27 de Agosto de 1844», tendo sido sepultado no santuário.



> Púlpito da igreja de Nossa Senhora do Amparo



> A romaria da Senhora do Amparo atraiu peregrinos da Galiza

Devoção à Senhora do Amparo continua enraizada no povo

A devoção a Nossa Senhora do Amparo, na freguesia de Apúlia, permanece enraizada no povo e, por isso, a romaria, que se realiza no segundo domingo de Agosto, continua a registar um grande fluxo de peregrinos, embora já não venham de tão longe, como antigamente.

«Esta devoção está muito enraizada até porque este lugar é muito bairrista e vive muito a devoção a Nossa Senhora do Amparo. Tenho de reconhecer que as pessoas amam muito esta capela. Não falta nada aqui, a todos os títulos», afirma o padre Manuel Casado Neiva, pároco de Apúlia há 16 anos. Neste templo, para além das festas dedicadas à padroeira, vive-se um momento muito especial que é a grande devoção das 40 horas no Carnaval e que mobiliza muitas centenas de fiéis.

Segundo o sacerdote, esta devoção das 40 horas «é como um sagrado Lausperene, em que o povo concorre e participa muito». «Nos três dias de Carnaval temos aqui o Santíssimo exposto, com confissões, em que o povo não falta. Esta capela enche-se todos os dias para a devoção das 40 horas», acrescenta o pároco.

O padre Manuel Casado Neiva salienta que esta é uma prática que vem do passado, tratando-se de uma preparação para a Quaresma. «É aquilo que era chamado de desobriga antigamente, em que o povo vem todo às confissões. E, a Quarta-Feira de Cinzas é aquilo a que nós chamamos a Comunhão Pascal», refere.

Questionado sobre como é que as pessoas conciliam a folia do Carnaval, que invade as ruas nesses três dias, e a participação nestas cerimónias, o sacerdote garante que, mesmo os jovens, não deixam de estar presentes na devoção das 40 horas. «Eu noto que os jovens não estão aqui todo o dia. Eu também lhes digo que não vejo mal nenhum em que eles vejam e participem nas festas de Carnaval e, nós aqui, até temos um cortejo que se realiza no centro de Apúlia. Mas, ao início da devoção, às confissões e ao encerramento, eles não falham. Isso é uma realidade. Se tirarmos a hora do cortejo, que se realiza à tarde, a população está aqui toda. Crianças, jovens e menos jovens. É um fenómeno, tenho que reconhecer», salienta. Assim, o pároco de Apúlia não hesita em afirmar que a devoção das 40 horas é um dos grandes momentos religiosos que se vivem no Santuário de Nossa Senhora do Amparo.

A festa da Senhora do Amparo
Outro grande momento é a romaria à Senhora do Amparo, que acontece anualmente no segundo domingo do mês de Agosto. Segundo o padre Manuel Casado



> No Carnaval os fiéis vivem a devoção das 40 horas, com a adoração ao Santíssimo Sacramento



> As gentes de Criad têm grande carinho pela sua igreja

Neiva, a festa é preparada «com muita dignidade», com a realização de uma novena, que congrega toda a população. Na quinta-feira, que antecede a romaria é promovida uma procissão de velas, com sermão.

Ainda no âmbito religioso, o dia maior da romaria acontece no domingo. «As pessoas dão muito valor à missa solene da festa, que é às 9h00, e à procissão, que se realiza à tarde», afirma.

O sacerdote salienta que, a comissão de festas preocupa-se com o aspecto lúdico da romaria mas, o aspecto religioso está em primeiro lugar. «É verdade que eles empenham-se com a animação da festa mas, a vertente religiosa para eles está em primeiro lugar. E a comissão faz tudo para que esta vertente reli-

giosa seja muito participada e muito nobre», realçou.

Se, no passado a romaria de Nossa Senhora do Amparo atraía peregrinos de vários pontos do país, inclusive da Galiza, hoje a realidade é um pouco diferente.

«Tenho de reconhecer que a mobilização de outros tempos perdeu-se. No entanto, é preciso também reconhecer que hoje, nesse mesmo domingo fazem-se muitas festas aqui ao redor, o que tira muita gente», sustenta o pároco de Apúlia. Mesmo assim, salienta o padre Manuel Casado Neiva, a romaria continua a trazer pessoas das freguesias vizinhas, nomeadamente de Barqueiros e de Estela. «Mas, este é uma festa muito concorrida, tenho de reconhecer», conclui o sacerdote.



> Torreão da igreja de Nossa Senhora do Amparo



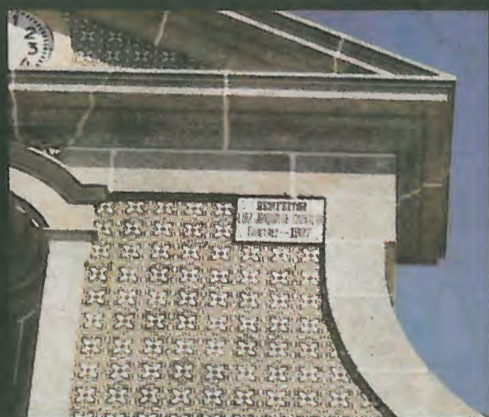
O tecto da igreja de Nossa Senhora do Amparo sofreu um profundo reparo nos anos 80, quando o padre Manuel Alberto era o pároco de Apúlia. A madeira, que estava muito deteriorada, foi substituída por uma placa de cimento.



Na igreja da Senhora do Amparo, os fiéis manifestam também a sua devoção ao São Brás, o advogado das gargantas. Pelas graças recebidas, as pessoas deixam ex-votos em cera.



A talha do altar-mor do Santuário da Senhora do Amparo é de estilo neoclássico e está bem conservada, fruto de restauros recentes. Ali salientam-se as colunas revivalistas, com fuste e capitel.



Na fachada da igreja da Senhora do Amparo está colocada uma placa, onde se lê: "Benfeitor, Luiz Joaquim de Carvalho. Contriz - 1907". Foi este benemérito que pagou os azulejos e a sua colocação na fachada do templo.



Uma das obras de beneficiação mais recentes foi a colocação de um guarda-vento em madeira, onde se realçam dois vidros com os desenhos do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Amparo.



A pequena capela da Senhora da Fonte foi reconstruída em 1955. Segundo reza a lenda, terá sido neste local que Nossa Senhora terá feito brotar uma fonte de água límpida e cristalina para saciar a sede de João António de Sá.

DR